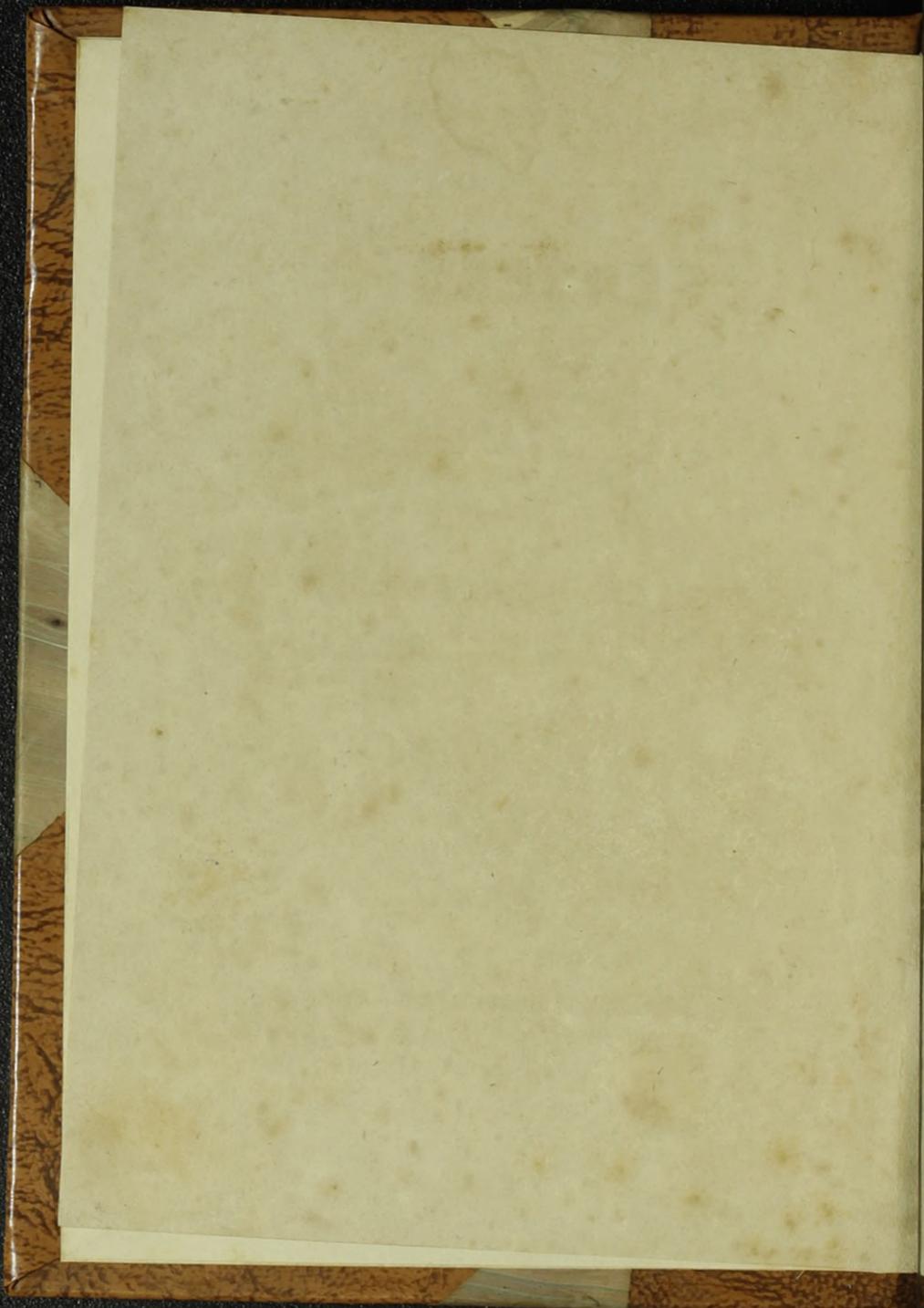


I

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE



CAMILLO CASTELLO BRANCO

SEROENS

DE

S. MIGUEL DE SEIDE

CHRONICA MENSAL DE LITTERATURA AMENA

NOVELLAS, POLEMICA MANSÁ,
CRITICA SUAVE DOS MÃOS LIVROS E DOS MÃOS COSTUMES

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 32994

MUSEU LITERÁRIO

PORTO

Livraria Civilização de Eduardo da Costa S. n.ºs - Editor

RUA DE SANTO ILDEFONSO, 4 A 6

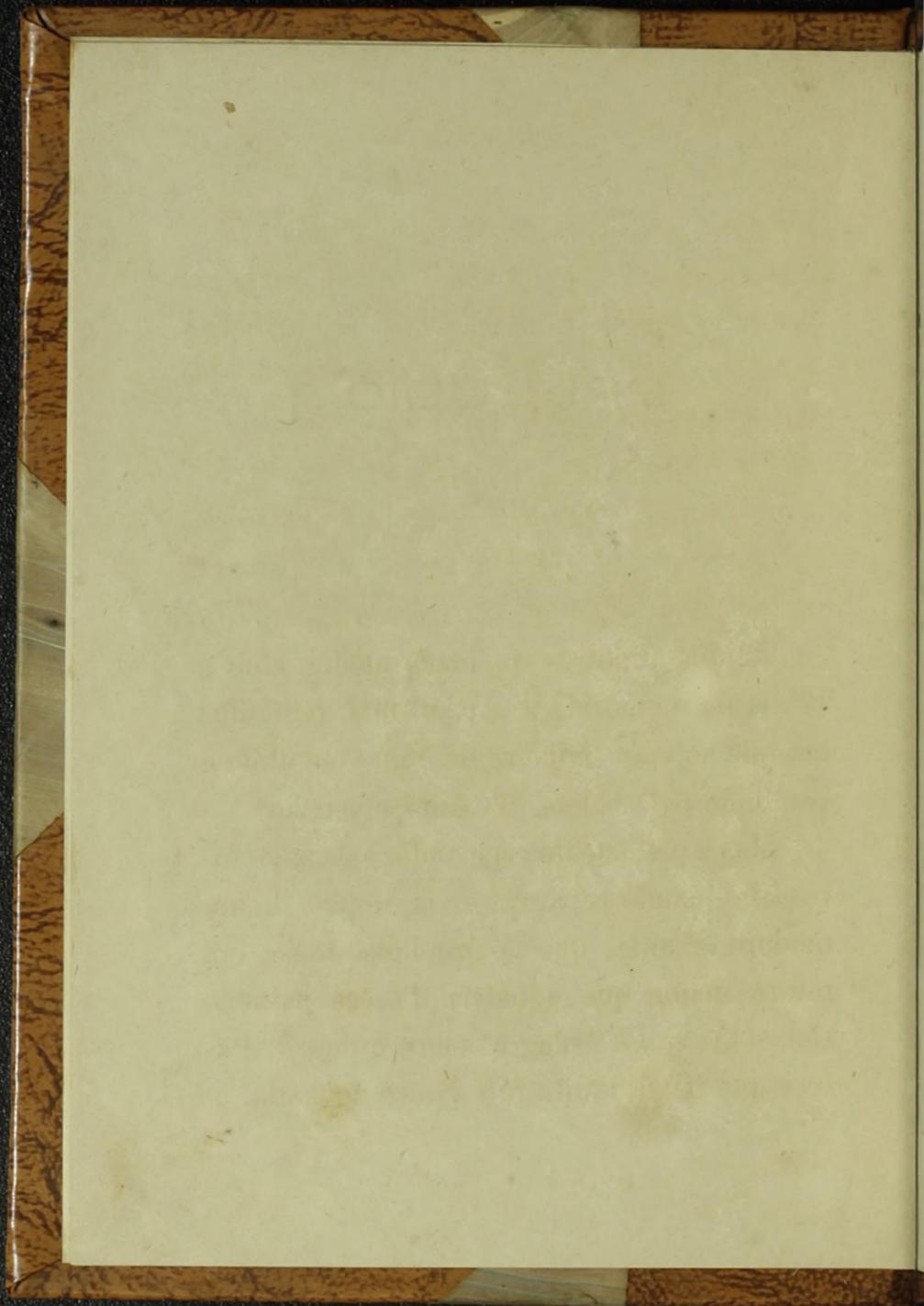
1885

Teixeira & Armão
RUA DE SÃO BENTO 54 A
SÃO PAULO

ALVARO DE ALEIXANDRE
ALVARO DE ALEIXANDRE
ALVARO DE ALEIXANDRE
ALVARO DE ALEIXANDRE

Σ UMMARIO

—
Preludio — Segundo Commendador (historia sentimental) — Questões de vida e morte — O infantilismo dos poetas.



PRELUDIO

Alguns pintores da idade-media, com a Biblia na memoria, pintavam uns retabulos em que se via o milagre de Jonas engulido e vomitado pela baleia. Tocante mysterio!

Mas a piedade do espectador sentia-se intrigada quando reparava e via, depois de um maduro exame, que o propheta Jonas era muito maior que a baleia d'esses paineis. *Coup sur coup*. Milagre sobre milagre! Parece que havia muita fé e pouca zoologia.

Já não ha, na actualidade, quem pinte esses cetaceos em vomitorios de Jonas mais corpulentos que elles; porém, á tona dos pantanos, espadanam uns baleotes mais ou menos bachareis-formados que programmatisam bolsar do seu bôjo um Jonas alitteratado maior do que elles. Acontece todavia que, sendo o conteúdo maior do que o continente, o baleote engasga-se, e de Jonas apenas vem ao ar livre a cabeça.

Este exemplo atterrador faz que eu não prometta senão coisas pequenas, quando muito do meu tamanho.

Os SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE são isso.

O mais que prometto é esforçar-me, quanto em mim couber, porque estes livrinhos não levem em si laivos da melancolia d'estas noites hybernaes da triste aldeia.

Devo ao publico semelhante fineza. Nada mais respeitavel que o direito do leitor a não ser molestado na sua sentimentalidade por um sujeito excentrico que premedita vender-lhe as suas nenias redigidas entre penhascos sob a toada gemente dos pinhaes, emquanto a pessoa que lê afoga ou desafoga as proprias maguas nas torrentes crystallinas das orchestras urbanas.

Não se assustem.

Queixava-se A. Herculano, quando collegia os *Opusculos*, das estiradas noites infinitas do inverno em Val de Lobos. Ora, se aquelle lucidissimo cerebro, estrellado de auroras, a dealbarem uma alvorada infinita onde nunca é noite — repleto da historia universal de todos os povos, e dos dramas e comedias de todas as civilisaçoens — não desenrolava lá dentro o incommensuravel sce-

nario d'esses enormes espectaculos, de modo que as noites lhe fugissem instantaneas — que heide eu fazer, memoria obliterada, espirito intanguido, como velha ave desplumada e tiritante na garra de uma harda, entre uma rêde de nervos vibrateis que se estorcem por estas noites de novembro fóra até que a estrella d'alva receba das trevas a providencial missão de me fazer sentir que a vida é bonita! Como é de crer, atrophiados os centros nervosos ganglionares, nas curtas horas de repouso, abro os meus thesouros craneanos, e acho um archivo de prescripções pharmacologicas, de varia collaboração, paginas dispersas que perdem o nome de *Therapeutica* para se chamarem uma disfarçada *Physiologia da Morte*.

Possa eu, infeliz baleote arpoado, expelir as substancias indicadas nestas receitas,

e terei vomitado trez boticas regulares; e, se eu me safar d'esta phase de crise com vida para fazer *Seroens*, ahi está um milagre, em materia de vomitorios, pouco inferior ao de Jonas. Ah! todos temos nos respectivos ventres um propheta maior ou menor que nos faz do coração, do estomago e do figado a Nive amaldiçoada das suas terriveis prophecias epaticas, cardiacas e gastralgicas.

Irmãos! todos somos mais ou menos baleias.

Novembro de 1885. S. Miguel de Seide.

STEWART COMPANY

SEGUNDO COMMENDADOR ⁽¹⁾

(HISTORIA SENTIMENTAL)



os 55 de idade, o commendador Palhares, liquidou duas duzias de contos adquiridos em trinta annos de trabalho no Brazil e regressou a Portugal.

Pelo tempo que consumiu e pelo pouco que agenciou, bem se deixa ver que mercadejou honradamente. As

(1) Diz-se *segundo* porque o auctor já explorou as virtudes de um *primeiro* COMMENDADOR nas NOVELLAS DO MINHO. A' maneira que forem apparecendo, serão numericamente explorados, e é provavel que appareçam muitos commendadores,

grandes-fortunas sorprendem-se de assalto; as pequenas conquistam-se de vagar. Em materia de riqueza, os improvisos prosperos são por via de regra infamias felises.

Vinha enfermo do figado, hypocondriaco, mais obrigado pelos medicos e por desgostos do que por saudades da patria. Não tinha familia propria nem parentes na sua aldeia — uma povoação triste e montanhosa em Tras-os-montes.

Quando sahira para o Brasil aos 23 annos, ia já captivo da Igreja por ordens sacras. Se lá amou, teve de estrangular as suas paixões para ser decente e honesto. N'aquelle paiz inflammatorio, notaram-lhe a frialdade do coração, a casca impenetravel a beliscoens de mulheres galantes — umas cariocas capazes de converterem um minhôto attarracado, com os pés acastellados de joanêtes, n'um *gommeux*, um estoiradinho, com as flexuosidades e ligeirices de um fauno. Até fóra do Brasil, tenho visto individuos gordos e gibosos, influenciados pela gentil paixão do bello sexo, exercitarem, arrojadamente, movimentos rapidos, volateis, funambulescos, como se o amor os adelgaçasse até á

natureza de sylphos, crispados de cio quando enxergam nymphas de bosque... com *Restaurante* e sallada de camaroens.

Ainda assim não assevero que elles exhibam a perfeita elegancia de Buckingham. O certo é que, quando se tracta de amor, as leis da morpiologia humana soffrem muitas excepções. No sexo gentil dá-se a mesma falta de logica. Senhoras muito gordas, espheroides, amam como se tivessem dentro, em corpo e alma, 3 Beatrizes e 2 Lauras. Os paradoxos estheticos pullulam em tudo que diz respeito a regras plasticas organicas — bem me intendem; e tambem sabem quanto é poderosa a acção calorifica sobre os seres organisados. Aqui entra um pouco de transformismo lamarckista e darwinista. O amor quente, em temperatura alta, é evolutivo, grande modificador: pega da materia organizada e muda-lhe a direcção, fazendo explosir novos organismos que virtualmente existiam nas leis organogenicas. A physiologia experimental confirma isto. Consulte-se Claude de Bernard.

Palhares regeitára propostas de casamento com meninas bem amoédadas. Esquivava-se com pretextos esquisitos, arguindo-se de imperitine, máo genio, temperamento infeliz e funesto para marido. Nunca revelou ter recebido ordens clericas que o impediam de amar honestamente, para o bom fim. Suspeitou-se, ainda assim, que uma ou outra mulher lhe chegára ao vivo do coração com as flechas dos olhos, com lá os ha, feitos de melaço, languidez e coriscos. Assim seria; mas, n'esses conflictos, João Palhares inesperadamente mudava de terra, labutando sempre no seu negocio e redobrando na faina, em quanto o preocupavam alvoroços do seu pobre coração escravo do voto sacramental. « O trabalho ha de salvar-me » dizia elle, sem confidenciar-se a algum raro conhecido que se interessava na sua felicidade, escurecida por longas intercadencias de tristeza que coincidiam sempre com excessos de trabalho — uma especie de phrenezi sem descanso. Encontravam-no então no interior, por mercados sertanejos, a enfeirar os seus generos como um reles mascate, já quando a sua agenciada fortuna o devia dispensar d'esse baixo negocio. Por tanto, na

opinião das pessoas normaes, bem organisadas, Palhares era um maniaco, honrado sim, mas com uma grande pancada na mola.

O nome da sua provincia e menos ainda o da sua aldeia ninguem o sabia. Desconfiavam alguns seus emulos no tráfico que o Palhares, indo para o Brazil já taludo, devia ter praticado algum delicto na sua terra. Insinuavam que as intermittencias de tristeza deviam ser remorsos.

A final, por causa da arrematação de um navio naufragado em que elle supplantára outro licitante, ganhou um inimigo que jurou desmascaral-o, indagando lhe a naturalidade e o crime que o expatriára.

Averiguado e sabido o anno da sua chegada ao Rio, foi facil descobrir o passaporte. Esse documento instruiu o processo a seguir. O passageiro disia chamar-se João Palhares, filho de Manoel Palhares e Rosa Maria, proprietarios, natu-raes de Tourencin, comarca de Villa Real; idade vinte e tres annos, profissão — estudante. Isto de *estudante* fez rir muito o velho corpo commercial, corpo acephalo a que pertencia o averiguador. Predominavam então n'uma cerrada penumbra intellectual uns pachidermes metalisados,

francas bêstas que invectivavam contra os *Gabinetes de leitura*, onde se tomava á noite sciencia e gasosas — uma relaxação dos bons costumes e dos ventres da colonia portugueza.

Não tinham ainda florecido na classe mercantil as vingadoras intelligencias emigradas que mais tarde inalteceram as pequenas fortunas com o precioso matiz dos lavores do espirito. Depois é que luziram n'aquella treva Fernando Castiço, Eduardo de Lemos, Manoel de Mello, Ernesto Cibrão, Lino da Assumpção, Sousa Fernandes e outros que chegaram, por um determinismo biologico, á hora precisa da lucta victoriosa. A civilisação da segunda colonia beocia foi mais precalcionada, morosa e fatigante que a da primeira ingenuamente selvagem. Custou menos a fazer de um guarany um epico do que a introduzir ideias de ortographia nos escaninhos encephalicos dos argentarios da rua da Quitanda, sem vislumbres de syntaxe nem etymologia.

O informador, incumbido em Traz-os-montes de averiguar o crime do Palhares, colhêra

as noticias em fonte limpa. O parochio de Tourencim contou o que sabia da tradição. — Que o Palhares estudára para padre; e quando já ia adiantado, com ordens menores, e creditos de bom estudante e catholico, fôra á terra a ferias de Natal em tão má hora que se apaixonára por uma moça tecedeira, a ponto de querer largar o estudo para casar com ella; mas o pai pegára n'um estadulho e o levára adiante de si até Braga — modo de dizer. Alguns condiscipulos do minorista informaram o parochio de que o estudante em Braga nunca mais abrira compendio; cahira n'uma tristeza de urso nostalgico, e toda a sua mania era deixar-se morrer; porém, chegado o tempo de tomar novas ordens, apresentara-se a recebê-las com sancta conformidade, resolvido a ordenar-se e a acabar martyr nas missoens da China. Mas, um bello dia, varreu-se-lhe de todo o projecto do martyrio chinez, e rebentou dentro d'elle a puxar pelos seus direitos inaufereveis o mancebo de vinte e dois annos, com a razão alumuada *a giorno* por uns livros impios que começavam em 1836 a circular em Braga divulgados pelos empregados publicos vindos da emigração. Operou-se no estudante um reviramento

completo como costuma ser o dos apóstatas quando os renegados entendem tanto a velha fé que regeitam como a nova fé que adoptam.

Positivamente, participou João ao pai que não queria ser padre; mas, como precisava de ter modo de vida, iria procural-o no Brasil como caixeiro. Respondeu o lavrador que fôsse para onde quizesse; vintem para a passagem que não lh'o dava.

Não sabia o informador como o rapaz se arranjára: iria engajado. O certo é que embarcara e por lá andava, havia coisa de 30 annos, portando-se com a familia, emquanto a têve, de um modo superior a todo o elogio. Referia miudezas: — que o lavrador tivera outro filho e uma filha; que a caza em bens era a melhor da freguezia; mas que o velho Palhares, depois que viuou, passante já dos 50, deu-lhe a loucura para amancebar-se com varias femeas, e andar com ellas pelas romarias sem vergonha nem recato, espatifando o patrimonio dos filhos em pandegas. Que o filho Joaquim o posera como de mente e lhe tirára o governo da caza; mas que a sua cabeça não regulava melhor que a do pai, por que se embebedava todos os dias, grande

puxador de páo, e raro havia feira d'onde não sahisse prezo com a cabeça esmichada entre cabos de policia. Que o velho, quando se viu abandonado das femeas, se deitára de mergulho a um pôço. O insensato tivera aquelle intervalo lucido. Á volta d'elle não havia ninguem que o amparasse. Lembrava-se com remorsos da defuncta mulher, sua martyr, e do João, ausente no Brasil, a quem sequer não respondêra quando o filho humilde lhe participava que lá estava moirejando a vida com honra e com fome. O outro, o Joaquim, redusira-o com a interdicção a um passadio de jornaleiro. A filha, uma rapariga beata, logo que pôde emancipar-se e cobrar umas 50 moedas da legitima materna, metteu-se egoistamente n'um Recolhimento de Braga. Os visinhos troçavam o velho devasso, e os homens serios despresavam-no. As taes femeas, bem vestidas e doiradas de cordoens e arrecadas, mudaram de terra com medo que a justiça as despisse como ladras, e esconderam o seu opprobrio nos alcouces da Babylonia de Chaves e da outra Babylonia de Amarante.

O desamparado velho, pois, não achou pessoa nem coisa que lhe offerecesse refrigerio, se não

um fresco pôço em janeiro. Atirou-se briosamente. Foi um lance de juizo que o absolve de dez annos de asneiras.

Por morte do pae, não podia — continuava o informador — apossar-se Joaquim da casa sem dar partilha ao João. Foi deprecada de habilitação para o Rio. João renunciou a parte que lhe coubesse no casal a favor de sua irman; porém, no acto das partilhas, accudiram com embargos os credores do defuncto que absorveram tudo. Os bens praceados não cubriram as dividas.

Na noite immediata ao dia da arrenatação, a vasta cazaria agricula de Tourencim resfolegava lavaredas por todas as janellas: ficaram em pé, apenas as paredes mestras. Toda a gente concordemente depunha que fôra Joaquim o incendiario; mas não se lhe provou o crime. D'ahi a mezes, o supposto incendiario recebia do irmão brasileiro uma farta mezada, 60 pintos pagos no 1.º de cada mez. Podia viver regaladamente. Não havia por aquellas serras lavrador que apurasse limpos e seccos 2 cruzados-novos por dia.

Quando foi da acclamação do senhor D. Miguel I em Montalegre, por 1846, o Joaquim Palhares apresentou-se ao Mac Donell, montado na sua garrana, de botas d'agua, com grandes barbas, intrepido roncador com muita farofia. O caudilho miguelista despachou-o alferes de cavallaria de Chaves, e com essa patente foi arcabuzado em Braga pela divisão do barão de Casal.

A irman ainda viveu bastantes annos no Recolhimento da Tamanca, recebendo tambem mezada remettida pelo João; e, quando falleceu no melhor cheiro de predestinada, acharam-se-lhe santos e santas que valiam 150 moedas a olhos fechados. O seu quarto era nma côrte celestial de madeira. Parecia um *Flos Sanctorum* illustrado a páo. Os artifices santeiros de Braga não cessavam de levar ao convento da Tamanca virgens, martyres e confesores, tudo de amieiro e buxo, do tamanho natural, com umas carnaduras sangrentas e olhos piedosos de vidro esbugalhados em extasis; mas tudo tão caro que, a não haver inconveniencia, ousarei dizer que a comedella foi a maior fraude que se tem feito com santos em Braga.

Estas informações chegaram ao Rio, quando o commendador João Palhares, atormentado pelas intrigas e *moftinas* dos invejosos da commenda de Christo — recompensa de donativos para não sei qual das mendicidades portuguezas — resolveu repatriar-se cançado e doente. Embatucara a calunnia. Divulgou-se, porém, que elle tinha ordens sacras. Estava assim explicado o celibato e o *jesuitismo* sob capa de melancolia sôrna. Em vista das informações fidedignas não podiam os patricios esmordaçal-o e desdoural-o d'outra maneira: tractavam-no de *jesuita* pela parte rudimentar que tinha de padre.

Não se lhe descobriram fraudes aduaneiras, nem mercancia de moeda falsa, nem veniagas de escravatura. Os seus haveres, por isso que eram poucos, justificavam a honradez com que os amealhara em 30 annos de canceira. Como, pois, não podiam denegril-o como negreiro ou passador de moeda falsa, chamavam-lhe *jesuita*.

E assim se formou a opinião publica a respeito do Palhares. «A opinião publica — disse

Pascal rasoavelmente — é uma esphinge com cabeça de burro».

*

Perto de Tourencim, á beira da estrada-real, havia em 1869 uma taverna onde pernoitavam almocreves. Albergara-se ali um hospede a titulo de experimentar os ares da serra, pagando generosamente alguns confortos que o taverneiro lhe proporcionou. Era o commendador—já adivinham.

O locandeiro não lhe conhecia a naturalidade nem o appellido, nem a jerarchia na ordem de Christo. Chamava-lhe o *snr. João*, e contava que o seu hospede era homem de poucas palavras, muito tristonho e doente do interior.

Havia 33 annos que João Palhares emigrára. Visitava agora muito de espaço os quinchosos da sua aldeia. Não conhecia alguém; ninguém o conhecia a elle. Os rapazes da sua criação eram velhos, sem vestigios do que tinham sido. Os velhos do seu tempo tinham acabado. Viam os aldeãos aquelle forasteiro bem trajado, sentado nos penedos, encostado aos socalcos, com o queixo apoiado no castão

da bengala. Cortejavam-o : — Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo. Os rapazitos esfarrapados e tisonados pelo sol pediam-lhe 5 reis pelas alminhas, e elle perguntava-lhes os nomes dos paes e dos avós, dava-lhes dinheiro, e affastava-se dos grupos das mães que o contemplavam com o respeito devido á generosidade das suas esmolas ás creanças. Achavam-no ás vezes parado em frente do terraço onde estivera a casa de Manoel Palhares. O taverneiro conta-lhe que a vira arder em menos de duas horas. O crédor que a tinha arrematado murara um campo com a pedra, e no chão do edificio queimado gradara uma eira onde malhava e seccava os cereaes. Da antiga casa dos Palhares apenas subsistia uma cazota onde o fogo não chegára, e que andava agora arrendada a uma pobre. Que cahira forte praga nas terras do Palhares, disia. Os lavradores que as arremataram ao desbarato pegaram a desandar, tudo lhes correu mal, e por mais em conta que os filhos queiram vender as terras não ha quem as compre. E' o castigo de Deus, affirmava. Os usurarios tinham emprestado ao velho doido pelas femeas o dinheiro a juro de 10 ao mez, e

depois aconchavaram-se para arrematar os campos por metade do valor. A casa em que mora a Brites tecedeira...

— Quem?! — interrompeu o commendador com mal disfarçado alvoroço

— A Brites, uma velhota que mora ha mais de 20 annos na cazota que não ardeu. Pois ninguém a quiz comprar, e ainda está a render para as custas á justiça. Essa casa, contava meu avô, Deus lhe falle n'alma, que fôra feita por um padre Palhares a quem o povo chamava o *herege*, e que tinha pato com o diabo, porque não confessava nem disia missa. Pelos modos o padre tinha fechada na tal casa uma femea que trouxera de Braga e 10 dias depois que elle morreu é que se soube, porque a mulher foi-se á sua vida. Pois o povo disia que ella não era mulher natural; mas sim o demónio em figura d'ella, e que desapparecera quando desceu ás profundas do inferno com a alma do padre.

O taverneiro, melhor orientado, concluia que o povo era parvo, e pendia a crer que a amasia do herege fosse mulher legitima em todos os sentidos. O que muito o espantava era a cora-

gem da Brites tecedeira que lá estava sósinha na casota ha vinte annos sem ter medo ao padre nem ao diabo.

*

Uma tarde a Brites tecedeira sentara-se em um toro de castanho á porta do cazebre, aquecendo-se á restea do sol e friccionando as magras mãos enregeladas de frio e escoriadas de frieiras. Um gato amarello, manchado de queimadellas do lar, com a cauda em gancho, exercitava as unhas deliciosamente na casca rugosa do cêpo. Uma gallinha muito domestica, n'uma attitude ameaçadora e perfida ao pé do gato, parecia espreitar o ensejo de o picar.

Era terrea, sem soalho, e muito humida a caza do tear; a lareira ainda apagada. A tarde era de principio de novembro; do lado da serra do Mesio sopravam lufadas cortantes, e ao poente a neblina, emplumando os espigoens da montanha, promettia grande nevada.

Tinham contado a Brites que na tasca do Grilo estava um homem de fóra que andava ás vezes pela aldeia dando esmolos de tostão e mais ás creanças; e, como lhe dissessem que

esse bom homem era doentinho, a Brites todas as noites rogava á Senhora dos Remedios que lhe desse saude e longa vida. Ella nunca o vira, porque raras vezes despegava do tear, senão para cosinhar o seu caldo-verde duas vezes no dia; além d'isso, tão cançada tinha a vista que bem podia elle passar em frente da sua porta sem ella lhe distinguir o vulto de qualquer outro.

N'essa tarde viu a tecedeira encaminhar-se para o seu lado a passo vagaroso uma figura desconhecida. Poz a mão aberta sobre os olhos para os defender da luz fortemente deslumbrante do sol, e levantou-se muito cortez quando o commendador se approximava.

— Sente-se que eu não venho incommodal-a — balbuciou muito commovido o Palhares.

Aquella velhinha era a esvelta tecedeira que elle havia amado 32 annos antes. Tinha os cabellos de uma alvura de estriga cortados rentes com as arcadas ciliares. Os missionarios inculcavam ás mulheres as virtudes de semelhante tosquia. Os olhos apagavam-se retrahidos nas orbitas escarnadas. A pelle do rosto, sulcada de rugas, arrepanhada nas proeminencias osseas vestia de pelliculas amarellas as cordoveas da

garganta, donde pendia um rosario de grandes contas de pão tingido com um Christo de cobre zebrado de laivos de verdête.

Ella tinha sido alta, direita, elegante, de grande seio e quadris desempenados. Não podia agora aprumar-se pelo habito da curvatura no tear; as espaduas cavernosas alteavam-se n'um intrugimento de frio, e o peito reintrante, concavo, premia-lhe as costas, derreando-a. Trajava serguilha roixa em fórma de habito de defuncta. Era aquella a formosa Brites que o minorista amára.

O commendador repetiu-lhe que se sentasse que elle tambem se sentaria no mesmo toro nodoso de castanho. Ella teinou em ir lá dentro buscar uma cadeira de sola muito russa golpeada de grêtas, com a pregaria denegrida de ferrugem. João Palhares, a reparar muito na cadeira, sentou-se, e disse que era de bom tempo aquella cadeira.

— Ha 25 annos que a tenho, meu senhor. Comprou-a minha mãe, Deus lhe perdõe, quando se venderam os trastes de uma casa antiga, a dos Palhares, que era ali onde está aquella eira. Minha mãe comprou seis; mas eu tive necessi-

dade de vender as outras a um homem da villa que por ahi andou a comprar d'estas coisas antigas.

—Vendeu-as por precisão... para comer?

—Não, meu senhor, foi para mandar dizer dose missas de seis vintens por alma de minha mãe; com mais oitenta e oito que já tinha mandado dizer, eram um cento certo. Quando ella deu a alma a Nosso Senhor tinhamos 20 moedas de ouro. Teve um officio de 40 padres a dose vintens e vela, e trinta missas no dia. As lavradeiras mais ricas não se gabam de melhor enterro.

—E depois... veio a miseria...

—Ágora veio a miseria! Eu peguei a trabalhar, e ganhava um tostão por dia que me chega e sobra. Nunca, bemdito seja Deus, pedi nada a ninguem nem peço; ora agora, como estou muito velha, quando não poder trabalhar, pouco viverei, e o habito em que me hãode amortallar já ali o tenho na caixa.

—Então vocemecê ainda conheceu essa familia Palhares...

—Como as minhas mãos. A tia Rosa, casada com o tio Manoel, ainda era nossa paren-

ta; e o marido era meu padrinho. Deus se compadeça da alma d'elle... que ella era uma sancta.

— E tinham filhos?

— Tres, meu senhor. O mais velho era o senhor padre João... isto é, elle não chegou a subir ao altar; estudava para padre, e foi para o Brazil... por motivos que Deus sabe.

— Algum crime...

— Credo! crime não, senhor. Elle era um anjo! Tão boa fosse a minha alma como era a d'elle.

— Morreu?

— Isso não lhe sei dizer a vossa senhoria. Aqui ha coisa de 20 annos ainda era vivo; porque a irman recebia do João uma mezada. Depois que a irman foi dar contas a Deus, nunca mais ouvi fallar d'elle. Quer morresse, quer não, rezo-lhe por alma todos os dias.

— Vê-se que foi amiga d'elle.

— *Amiga* não, snr.! — accudiu a velha com energia.

Brites dera á palavra *amiga* uma interpretação synonima de *amazia*; porque na rusticidade aldean das provincias do norte não se comprehende a *amiga* em outro sentido. O com-

mendador recordou-se então do dialecto da sua terra e emendou :

— *Amiga* : quero dizer *affeioada*. . . Se sentia por esse rapaz sentimentos honestos e virtuosos, perguntava eu.

— Isso sim, snr. e por mais ninguem n'este mundo, Deus o sabe ; e, se pequei por lhe querer tanto, tambem padeci muito, e nosso Senhor Jesus Christo me perdoará pela sua infinita misericordia.

Entrou a soluçar e a enxugar com o avental de estopa as lagrimas.

— Mas. . . — atalhou o commendador — porque padeceu ? quem a fez padecer ? foi a ingratidão d'esse homem ?

— Ingratidão, não snr., que elle não me devia nada, bemdito seja Deus. Nem elle nem eu temos de dar contas das nossas ruins açocns. Elle foi lá para a sua vida trabalhar, e nosso Senhor sabe o que custou a amanhar o pão quem não estava affeito a puxar pelos braços. Esqueceu-se de mim. . . paciencia. Tudo esquece n'este mundo onde a gente vae de passagem para o outro. Tambem eu, quando minha mãe morreu, cuidei de estalar, e que nunca mais teria

uma hora de relêgo na minha paixão. Pois ella já lá está á minha espera ha mais de vinte e dois annos, e eu estou aqui viva e san. E' tudo assim: quem morreu, morreu; e, diz lá o ditado, longe da vista, longe do coração.

— Mas — instava o commendador — que foi o que vocemecê padeceu pela ausencia do tal rapaz?

— Porque fiquei com os meus creditos perdidos, meu senhor; fiquei tida e havida como má mulher, percebeu agora vossa senhoria? O pai d'elle — que isto não peze á sua alma — espalhou que eu era *amiga* do seu João, e que tui a causa de elle não se ordenar e ir por esses mares fóra. Chamava-me os peores nomes que se podem chamar a uma mulher; e toda a gente o accreditava, menos minha mãe, e o meu confessor, e Deus que via a minha innocencia. Por ahi, os môços que me tinham pedido a minha mãe, depois apupavam-me; e as donzellas voltavam-me as costas e não ajoelhavam á minha beira na egreja. Eu fugia de toda a gente, e por ahi diziam que era vergonha. O meu confessor, quando me encontrava, passava-me a mão pelo rosto e dizia: «Pobre rapariga, pobre rapariga, espera em

Deus a justiça já que n'este mundo não t'a fazem, e eu não posso como teu confessor defender-te em publico. Soffre com paciencia o teu purgatorio n'este val de lagrimas». Parece-me que estou a ouvir o snr. padre Antonio de Villarinho. As unicas pessoas que me julgavam boa morreram cedo — era minha mãe e o meu confessor. Depois, cheguei a querer fugir da terra e ir servir longe, onde me não escorraçassem ; mas a minha mãe estava entrevada, muito velha, como eu sou agora, e dizia-me que eu, se fugisse, dava razão ás linguas do mundo. Passei alguns annos sem sahir de casa, sempre a tecer que até o coração se me coseu com as costas ; só aos dias sanctos ia ouvir missa de madrugada á igreja de Tuloens, e á sahida deitava o avental pela cara para me não conhecer o povo.

O commendador contorcia-se. As fauces sêcas, os olhos humidos, uma constrictão de pharynge, como um spasmus que lhe subia, esôphago acima, das regioens inferiores. Era um accesso de hypocondria, uma invasão de tristeza negra, biliosa em que os rebates do seu primeiro amor faziam pequena implicancia. Estas intermittencias afflictivas, que a medicina attribuia á dia-

these neuropathica, atormentavam-no a miudo, e quase sempre começavam por um acto psychologico — por exemplo, uma saudade, uma vaga reminiscencia da sua juventude; ás vezes, a ideia subita da morte pavorosa, um tumulto fechado, o silencio eterno assistindo á pulverisação de um cadaver purulento e de uma hypothese de alma encharcada na podridão lamacenta do seu involucro.

*

— Porque não escreveu a esse homem contando-lhe os seus infortunios? — perguntou o commendador escondendo as lagrimas.

— Eu não sei escrever, meu senhor; e, ainda que soubesse, que montava escrever-lhe, se elle não podia remediar nada?

— Quem sabe...

— Cazar comigo não podia, porque já estava prezo á Egreja. Que lhe havia de eu pedir? Es-molas não precisava d'ellas porque eu cá tinha o meu modo de vida...

— Podia ir para a companhia d'elle...

— Credo! isso então era fazer verdadeiras as mentiras, que o pae d'elle espalhava. Nem o

snr. padre João era capaz de me dizer que fosse para a sua companhia. Não era não. Aquillo era um sancto. A's vezes estavamos um á beira do outro até lá por essa noite fora no eido da minha casa, e nunca elle me poz mão tanto como isto, nem me disse palavra que minha mãe não devesse ouvir. Vossa senhoria não pode fazer uma ideia!... Pelo que oiço dizer, rapazes assim já os não ha... Emfim, eu não me queixo d'elle. Nada me devia; e, se me não escreveu a contar-me a sua vida, é porque elle bem sabia que eu não podia lêr as cartas nem responder-lhe. Só Deus sabe a minha alegria quando me contaram que elle estava rico e dava muito dinheiro aos irmãos. Se eu soubesse escrever ou tivesse alguém que m'o fizesse, dava-lhe então os parabens; mas dei muitas graças a Nossa Senhora pela boa sorte d'aquella creatura que tanto chorou ao despedir-se de mim...

— Mas esqueceu-a... murmurou o commendador.

— Pois sim, sim... —olveu ella com resignação— eu não digo menos d'isso. Eu era uma pobre tecedeira... Faltavam-lhe a elle lá brazileiras bonitas... —acrescentou entre sorriso e lagri-

mas — Por lá se distrahiu... Quem nunca esquece é quem fica, meu senhor... Tudo m'ó trazia á lembrança por aqui; via-o em toda a parte onde estivera com elle, desde muito pequena, quando iamos ambos para o monte com as ovelhas, porque em minha casa havia um rebanho antes de meu pae, que Deus haja, jogar nas feiras d'anno uns campos com que viviamos muito remediados. Depois foi que minha mãe se apegou ao modo de vida de tecer, e mais a minha irman mais velha que casou...

— Já morreu a sua irmã?

— Ha muitos annos, e já morreu tambem, faz quatro annos para as segadas, um meu sobrinho que era afilhado do snr. padre João... Estou-lhe sempre chamando *padre* João... Ficaram tres filhos do meu sobrinho que cabiam todos n'um cêsto. Trouxe-os para onde a mim e creei-os como pude e Deus sabe como. Assim que foram crecidinhos pul-os a servir porque não tinha que lhe dar. Por ahi andam a guardar o gado por casa d'esses lavradores, e na noite de Natal vêm consoar comigo todos os annos — uma consoada de lagrimas, a fallar a verdade, ao menos para mim, que me lembro da noite de Natal da

minha casa quando eu era menina como elles. Juntavam-se todos os parentes; eramos deseseis pessoas á meza, uma alegria, sancto nome de Jesus! Ainda bem que os pobres rapasinhos não conheceram a abundancia... Sempre desgraçadinhos! Quando o pai morreu, de maleitas, na Terra Quente, onde foi ás segadas ganhar a vida, já as creanças passavam muitas fomes; e, como já não tinham mãe, andavam á matroca por casa dos lavradores que lhe atiravam uma côdea sêcca como a uns cães. Emfim, vossa senhoria queira perdoar o meu atrevimento de lhe estar a contar estas desgraças que não lhe importam. E' vezo de velhas, que vivem sosinhas como eu, darem muito á lingua quando topam quem queira atural-as. Faz-se escuro, e está muito frio, meu senhor. Com bem passe a noite, que eu ainda vou fazer a minha ceia que não lhe offereço porque é caldo vêrde mal adubado e boroa — concluiu, sorrindo.

O commendador apertou-lhe a mão que ella lhe concedeu com hesitação, por não se achar acostumada áquella etiquêta ainda então desconhecida em Tourencim. Parece que Brites receava que o forasteiro lhe quizesse dar uma

esmola, e doía-lhe ter a soberba de a regeitar.

Elle afastou-se com o seio arquejante e turgido de soluços represados. Era o espasmo nervotico da hypocondria, uma tristeza estranguladora.

*

Espalhou-se pela aldeia que o hospede do Grilo, tendo melhorado dos seus achaques com os ares benignos de Tourencim, pensava em edificar por ali uma casa e comprar terras. Concorreram logo os possuidores dos bens dos Palhares a solicitar a protecção do Grilo para que o seu hospede lh'os comprasse. Tambem se vendiam as leiras e cortinhas, que o pae da tecedeira Brites tinha jogado nas batotas das feiras. Os possuidores d'estas terras excommungadas traziam a consciencia atormentada desde que os missionarios varatojanos prégaram que os bens d'este mundo, adquiridos fraudulentamente por baixo preço, se pagavam muito caros no inferno; e que o demonio, quando cá se faziam os negocios trapaceiros, escrevia lá no seu rol com lettras de fogo as quantias que os compradores embusteiros lhe ficavam devendo para liquidar

contas nas fogueiras eternas. As mulheres dos proprietarios das terras infamadas denunciavam-se a chorar na igreja, com o terror das penas infernaes, e iam para casa, socias do diabo, atanzar os maridos. — Que vendessem por todo o dinheiro os campos excommungados, ou que os deixassem a monte. — Que raios partissem os varatojanos! praguejavam os maridos; e, dissimulando o seu terror, offerciam, por debaixo de mão, as propriedades por metade do seu valor, mentindo sempre quanto ao valor, a ver se embaçavam os varatojanos, o diabo e a justiça divina, tudo ao mesmo tempo. Fortes velhacos!

Quando, pois, se divulgou a fausta nova de haver comprador ás terras, acotovellavam-se os vendedores á porta da taverna do Grilo, e todos allegavam que as vendiam por menos de metade do custo, e assim o juravam pelas almas de seus paes e mães. O commendador exigiu-lhes as escripturas das compras ou o preço das arremataçoens. Examinados os documentos, notou que os lavradores, graças á influencia dos missionarios, apenas mentiam 50 por cento, e pensavam d'este modo liquidar as suas contas

com Satanaz, desfazendo-se das terras malditas com 50 por cento de lucro. Ainda apparecem nas aldeias portuguezas, onde os missionarios fazem barreias annuaes, estes brutos innocentes. Tracta-se agora de os civilisar pela instrucção obrigatoria. Imaginem o gráo de velhacaria que elles hão de attingir quando forem instruidos até ao ponto de troçarem os varatojanos!

*

O commendador fez-lhes saber que compraria as terras offerecidas ; mas pelo preço por que as tinham adquirido. Aceitaram a proposta depois de regatearem com o Grilo, jurando sempre pelas almas de seus paes e mães que as terras tinham custado mais metade do que diziam os autos, e que os escrivães provavelmente para roubarem os arrematantes escreveram sómente metade do preço, abotoando-se com o resto. Notem a candura engenhosa da calumniã ! Até onde chegará a imaginação d'estes fantasistas com o cerebro adubado pelo ensino obrigatorio? Cada aldeia será um alfôbre de romancistas evolutivo de uma estrumeira de malandrins.

Combinados os contractos, aprouzou-se o dia

das escripturas em casa de um dos vendedores. O tabellião perguntou o nome do comprador. Indicaram-lhe o forasteiro que apenas conheciam pelo *snr. João*.

— O nome todo de vossa senhoria? — perguntou o funcionario.

— Eu não sou o comprador — disse João Palhares — A compradora é esta mulher que vem entrando.

Voltaram-se todos os vendedores para a porta, e empedram de espanto quando viram a velha Brites tecedeira. O commendador ergueu-se do seu tamborête de sola para ella se sentar. Brites olhava para os circumstantes estarrecida. Estava ali sem saber para quê. O Grilo, enviado pelo hospede, foi quem a trouxe para um fim qualquer. Elle mesmo não sabia o fim para que a trasia. A mulher estava pasmada, tinha mêdo, fazia-lhe terror o tabellião com oculos de cobre, e um barrete preto de troçal até baixo das orelhas, e um *cache-nez* em que immergia o queixo inferior.

— Como se chama? — perguntou-lhe o notario, fitando-a por cima dos oculos, com a penna de pato apontada á pagina da nota.

— Eu? — perguntou ella, olhando timidamente para o commendador, como a consultal-o na sua atarantação.

— Diga-lhe o seu nome, snr.^a Brites Ferreira.

— Brites Ferreira, uma creada de vossa senhoria — repetiu ella, erguendo-se com uma me-zura.

— Cazada, solteira, ou viuva? queira sentar-se.

— Solteira, meu senhor.

Para obviar ao interrogatorio, o commen-dador resumiu que ella era natural de Tourencim e residente na mesma povoação.

Lavrada a primeira escriptura que abrangia as propriedades do pai da tecedeira, o tabellião impoz silencio ao fallatorio dos lavradores com um *psiu* carrancudo, e leu: *Saibam quantos virem esta escriptura que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e sessenta e nove, aos vinte e tres dias do mez de dezembro n'este logar de Tourencim, compareceram de uma parte Brites Ferreira, solteira, de maior idade e sui juris, natural e moradora do mesmo logar, reconhecida das testemunhas adiante nomeadas que reconheço de que dou fé.*

Depois, nomeava o nome do vendedor, o das propriedades com suas confrontações, encargos, fóros, etc. E proseguiu *que tudo vende, de hoje para todo o sempre á compradora Brites Ferreira com todos os seus accessorios e pertenças, servidoens actuaes e logradouros pela quantia de dois contos e cem mil reis...*

—O dinheiro para se contar?— perguntou o tabellião á compradora.

Ella, assombrada, olhava para o commendador, que abria alguns rôlos de libras desenrolando-os sobre a meza.

—Conte;— disse elle ao vendedor espavorido — veja se estão certos dois contos e cem mil reis.

Feita a contagem, o tabellião proseguiu, atando o fio.

...a quantia de dois contos e cem mil reis que contou e achou certa de que dou fé.

Exhibiu muitas outras elocuçãoens tabellioas de uma inutilidade archeologica, e susteve-se, observando com a penna empunhada:

— Falta o nome das testemunhas.

E voltado para o commendador:

— O nome de vossa senhoria?

— João Palhares — respondeu o interrogado. Brites erguera-se convulsa, e perguntou n'um murmurio quase inaudível:

— Que foi que elle disse ?!

— D'onde é natural? — tornou o notario.

— De Tourencim.

— Idade?

— 56 annos.

— Estado? e profissão?

— De profissão negociante matriculado na praça do Rio de Janeiro; quanto a estado, aquelle que não se chama nenhum, porque estudei para presbytero e vinculei-me á igreja pelas primeiras ordens sacras. Não tenho estado que se possa definir n'um instrumento publico.

Elle sorria, voltado para o tabellião, quando Brites, n'um tremor, com as mãos postas, e o rosto lavado em lagrimas, cahia sobre os joelhos, a murmurar: «O' virgem santissima, eu estarei sonhando!»

O commendador levantou-a para si, apertou-a ao coração n'um abraço estreito, e disse-lhe: — O primeiro abraço que te dei assim apertado foi ha 33 annos quando me despedi de ti, não foi, honrada mulher, minha sancta ami-

ga? Aqui tens o teu velho João Palhares, tão tarde, ao fim da vida; mas aqui o tens, sem uma só feição por onde o reconheças a não ser por estas lagrimas que são as dos mesmos olhos que tu viste chorar quando nos despedimos.

Brites soluçava, apertando-lhe as mãos, e forcejando por ajoelhar-se, não deante d'elle, mas de um Jesus crucificado que ali estava em um oratorio.

A commoção era geral. O proprio tabellião limpava ao seu lenço de Alcobaça os oculos embaciados de lagrimas. Tinha a fibra dramatica o homem, e disia que a passagem parecia de novella. Os lavradores tambem esfregavam as palpebras roixas aos canhões das vestias de saraçoça. Este episodio passou com a sua naturalidade chata d'aldeia. A scena transferida de Tourencim para um 1.º andar da Baixa, reclamaria grande consumo de ether sulphurico e a convergencia dos postos medicos. Não passou a coisa de uma crise de assombros, que o commendador interrompeu, pedindo ao tabellião estupefacto sob a vibração dramatica, que lavrasse as restantes escripturas relativas aos bens que haviam sido de seus pais.

*

D'ahi a vinte e quatro horas sobrevieram as festas do Natal. Brites recebêra a chave da casa onde nascêra, e logo de manhan mudára do casebre alugado com a sua caixa de pinho, o seu catre de tabuas, o seu tear e a sua cadeira de sola com pregagem amarella. O commendador foi consoar com Brites. Estavam tambem os tres netos da irman da tecedeira com os seus sapatos brancos, chapeos braguezes, e roupa nova de saragoça com que o Palhares se prevenira para os agasalhar por fóra e aquecêl-os por dentro com o calor da alegria. Os rapasinhos remiravam-se com a estranhesa idiota das felicidades imprevistas. Mas a ceia corrêra melancolicamente. Os dois velhos contemplavam-se, a espaços, n'uma taciturnidade dolorosa. Estavam ambos com os olhos da alma postos no passado, nas saudades da sua juventude. O que restava d'esse tempo eram duas vidas atrophiadas, já sem coração por onde um raio de contentamento lhes levasse aos nervos as palpitações do amor. Procuravam-se ambos, um ao outro, na sua existencia dos vinte annos, e não se reconheciam: em uma

feição sequer. Uma completa desfiguração. Nem ao menos se disiam uma palavra que recordasse alguma das sensações delidas da memoria por trinta e tres annos de ausencia. E então a Brites, que não sabia exprimir com palavras a sua saudade, chorava; e elle, que se illudira esperando contentamentos, perguntava a si mesmo como podéra loucamente esperal-os em tal conjunctura, face a face de uma que fôra formosa mulher e lhe apparecia agora amortalhada nas rugas da decrepitude precoce. Seria querer arrancar ao Impossivel uma aurora chilreada de amores, para a noite infinita da sua alma. Esse milagre fel-o uma só vez na Allemanha o diabo na pessoa do Fausto. Deus não era capaz de tamanho absurdo. Coração morto, ressurreição impossivel. Esta formula axiomatica tanto cabe na *Physiologia da morte* de Bichat como nas estrophes de um poeta elegiaco.

Na sua amargura, ainda assim alentava-o uma ideia dulcificante; é que n'essa boa acção de investir a pobre velha na posse dos bens de seus pais, bastantes á sua decente subsistencia, se o seu coração não tinha de que alegrar-se, a sua consciencia galardoa-o. Era uma honra dar

áquella pobre o patrimonio dos tres sobrinhos que ella apartára de si por não ter pão bastante para repartir com elles.

Não viera, pois, inutilmente á sua terra, pensava elle entre si. Ninguem lhe tinha annuciado que a Brites soffrêra innocente as injurias que raras vezes soffrem as criminosas, as perdidas. Se elle o soubesse, já teria vindo offerecer á pobre mulher um amparo. Devia ser a divina Providencia que lhe inspirou o regresso á sua aldeia, sem lembrar-se de que poderia ainda viver a mulher que lhe transtornára o seu destino. Não tinha outros estimulos que o alegrassem e lhe abrissem, na velhice, um parenthesis de bom repouso. Esperanças, em quê? Mas isso era pouco para quem nunca sentira na consciencia a remuneração de uma longa vida sem mocidade, sem delictos, sem desvios da honra. O pobre homem, que fôra austero com as suas paixões em moço, chegado ao inverno algido, que a fantasia pôde remoçar como um escarneo dilacerante, queria sentir os aromas dos seus primeiros annos em flor, ao lado d'aquella gentil rapariga que ali estava agora ensinando aos netos de sua irman uns versos que os varatojanos tinham

ensinado para se cantarem ao nascimento do Deus menino! Ah! a fé christan do commendador não era bastante para estes raptos de devoção lyrica, nem prestava uma copiosa attenção á historia que a velha contava dos tres reis magos, Balthazar, Gaspar e Melchior.

*

Já cantavam os gallos.

O Palhares, passando da casa de Brites para o seu aposento na taverna do Grilo, ia dizendo comsigo: «A minha amargura é enorme como o tédio da vida. Se o trabalho me não salvar, virá a tristeza abafar-me até me matar. Eu vim aqui buscar uma dor que não conhecia, e me está esmagando — a saudade, a atroz certeza de que nada me pode dar o passado nem melhorar o futuro.»

Apoderava-se do nevropatha o demonio da hypocondria — uma d'essas agonias que a um tempo despedaçam o corpo e a alma.

*

Na eira onde o incendio esboroou a casa dos Palhares, em poucos mezes ergueu-se outro edificio renovado, mas construido com a alvenaria da antiga casa. O commendador mandára desfazer os muramentos levantados com a pedra ainda ennegrecida das lavaredas, e repôl-a, guardando o plano que tivera. Elle mesmo se lembrava das menores divisoens da caza; e outros homens mais antigos assistiam á reposição do material sobre o traçado primitivo.

Parecia andar distrahido e até contente nesta freima o commendador Palhares. Era o trabalho, a actividade com um destino que lhe despontava os espinhos da tristeza. Passava horas, sentado na cadeira de sola, á porta de Brites; e ella sentava-se a fiar no banco de pedra tósca onde, em noites de luar, em quanto a mãe não se deitava, se assentára ao lado do João Palhares. Os pequenos andavam pela serra com os seus bois e o seu rebanho de ovelhas. A lavoura de Brites era mediana; mas bastava-lhe o grangeio para o seu farto passadio. Tinha creados e jornaleiros. Sentia-se feliz; rezava muito, e attribuia o reviramento da sua vida ao patrocínio do seu Anjo da Guarda, sobpondo

o commendador em posição respeitavel, mas subalterna.

O commendador, concluida a casa e trastejada modestamente, foi habital-a; mas as sensaçoes recebidas na soledade daquelle cazarão ermo, escuro e frio não responderam á sua perspectiva. Era um visionario aquelle infermo sonhador! Tinha lances de vista psicologicos que só aos poetas são permittidos. Contava com uma suave melancolia encostando-se ao parapeito da janella do seu quarto de rapaz, imaginando-se a tirar os significados do seu *Magnum Lexicon*, ou contemplando o esvoaçar dos corvos e das aguias por sobre as ameias do castello romano do Pontido. Lá foi encostar-se ao parapeito, trinta e tantos annos passados, e a tristeza que sentiu não tinha suavidade alguma; era um duro transe de alma em que não havia, se quer, o desafogo das lagrimas — uma especie de tédio da vida peor que o frenezi da desesperação.

A's vezes pensava em voltar para o Brazil— ir trabalhar, cançar o corpo e o espirito. Um conhecido de Villa Real dizia-lhe que fosse para aquella terra, e empregasse a sua energia n'um negocio de seguros resultados, 300 por cem e

mais. Que desse dinheiro a juros. Asseverava-lhe que uma duzia de contos bem administrados, era obra para dar oitenta contos em dous annos. Citava exemplos, duas duzias de exemplos de capitalistas que tinham começado a emprestar doze vintens sobre umas botas, e estavam de posse das casas brazonadas dos antigos fidalgos da terra. Que fosse, e veria como o fígado se lhe desopilava, por que, alem da usura, Villa Real tinha agua muito pura e excellentes hortaliças.

*

Um dia, o commendador mandou comprar tres cartilhas de apprender a ler e trez *Manuaes encyclopedicos*. Chamou os sobrinhos de Brites e principiou a ensinar-lhes o *abc*. Entreteve-se algumas horas, e começou a sentir-se bem, com o pensamento preocupado no alcance remoto d'aquella obra. Os rapasinhos estudavam muito e andavam muito alegres. Outros pequenos, filhos de lavradores e jornaleiros, tinham-lhes inveja, queriam tambem estudar; mas não se atreviam a pedir ao snr. commendador que os admittisse, que os ensinasse. Porém, um dos

rapazes mais pobres teve a coragem de lhe pedir pelo amor de Deus que o deixasse ir á escola.

— Vem, disse o commendador, e venham todos os que quizerem vir, que eu dou-lhes as Cartilhas e as Tabuadas.

Encheu-se a casa de rapazes de toda a freguesia, os abastados e os indigentes. Era um chilrear de estorninhos todas as manhãs á porta do commendador. Entravam com os tãncos na mão, atirando com os chapéus de palha ao lajêdo do pateo ; pediam-lhe a benção e alinhavam-se nas suas bancadas soletrando infernalmente as suas liçoens n'uma grande berata. E o professor sentia se bem. Nem nevroses, nem hypocondria, nem flatos, nem calores no abdomen, nem espasmos nos gorgomilos. Costumava a doença quebrantal-o na primavera ; mas passaram duas primaveras sem uma nevrálgia, sem uma insomnia. D'antes alimentara-se a leite e ovos ; agora comia orelha de porco e digería os feijoens respectivos sem a mais ligeira ameaça de flatulencia. Bom, vigoroso, alegre, promettendo longa vida.

E tem hoje setenta e quatro annos feitos, e

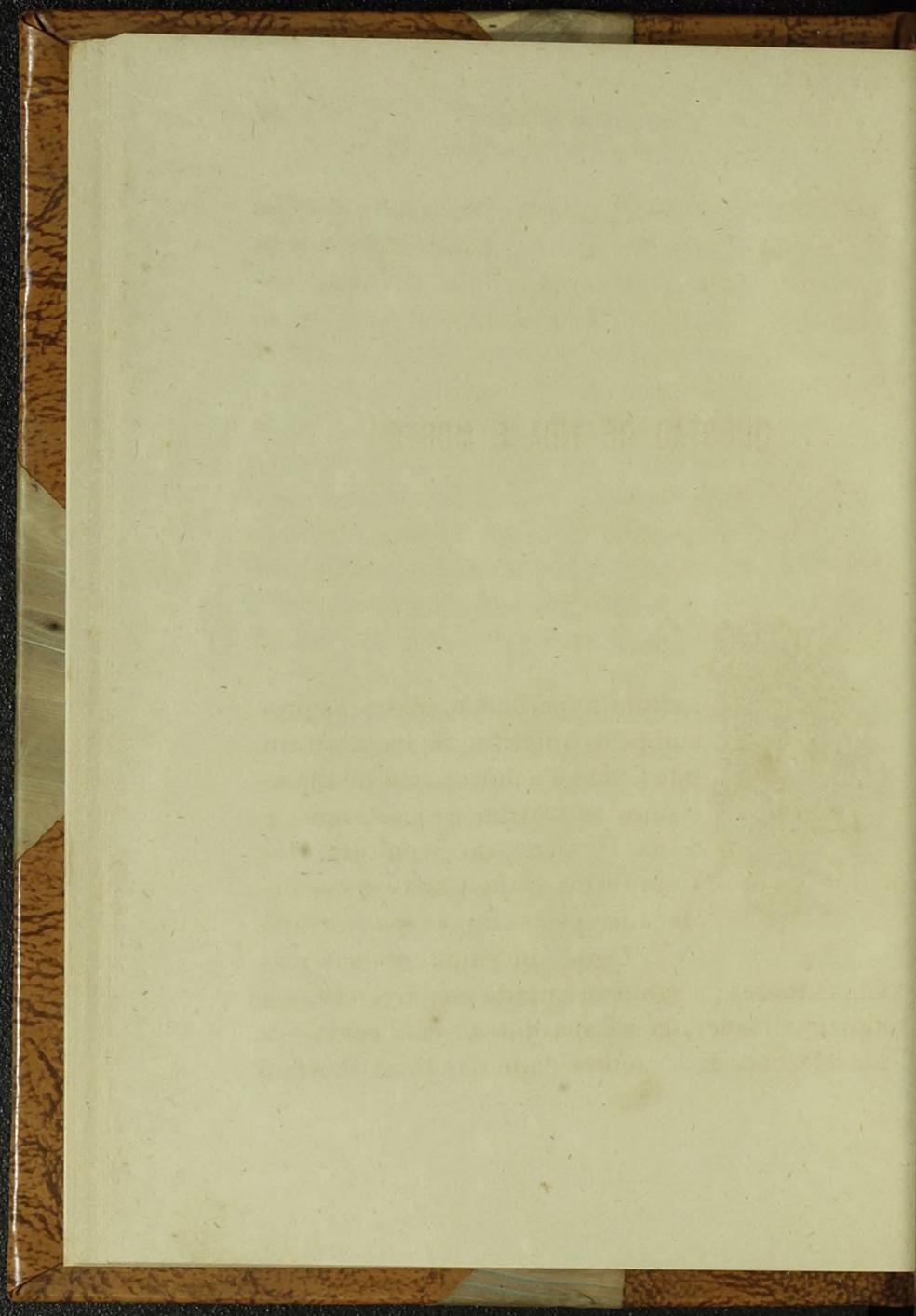
ainda ensina a lêr, incansavelmente, os filhos de outros que já adultos foram seus discipulos.

Oz trez sobrinhos netos de Brites trabalham na lavoira de sua tia e dirigem a do commendador de quem provavelmente serão herdeiros. Em todas as casas de Tourencim ha mais ou menos instrucção do *Manual Encyclopedico*; e ainda assim as crenças religiosas não tem soffrido abalo importante. De trez em trez annos, apparecem os missionarios que o commendador hospeda bizarramente, dando-se como exemplo de catholico-romano aos seus vizinhos. Elle mesmo incute nos seus discipulos ideas religiosas, porque não sabe com que hade encher na alma homana o terrivel vasio que fica, perdida a fé. Vê-se que não está bem orientado, não sabe os modernos processos que exterminaram Deus; mas é feliz. Tambem não tem o bom habito de rezar; mas a Brites reza pelos dois.

*

Não tenho dados sufficientes para poder formular a mentalidade erudita de Tourencim; mas asseveram-me que já este anno por lá circularam alguns numeros do *Seculo* e da *Idea*

Nova. Se isto é verdade, receio muito que os discipulos do commendador, armados de fouces rossaduras, imponham, qualquer dia, ao abastado mestre a liquidação social.



QUESTÃO DE VIDA E MORTE

I



Um titulo hyperbolico, mas sem presumpção enfatica. Se ha lance em que a vida e a morte, sem methaforismo, se travem e questionem é a da Hygiene, da Sepultura, dos Cemiterios e do Cadaver esmoraçado pelas larvas ou torrado pelo fogo. Ahi palpitam duas maximas theses: a saude orientada pela hygiene, e a morte considerada na sua missão conhecida — a putrefacção. E a connexidade das duas theses é

tamanha e tão íntima que do apodrecimento se auferem preceitos para sanear as contingencias morbidas. A chimica extrahe do morto illaçoes balsamicas para a vida; porque a podridão do cadaver influe quase benignamente na podridão dos vivos. Quanto á corrupção, vivos e mortos podem pedir messas.

Acham que estou em maré de paradoxos?

Pois ha espiritos que os acceitam na região da fantasia, com a condicional de chamarem-se *mysterios, dogmas, religiões*. Mas, se se tracta do corpo humano em esphacêlo, esse pôdre estôjo da alma que se inferna ou emparaiza — que vae para Deus quando não vae para o diabo — apenas se permite que elle, uma vez por outra, possa ressuscitar como o pae de Santo Antonio de Lisboa.

*

Estes assumptos — *hygiene, sepultura, inhumação e cremação*, tratou-os em *Conferencias* com o proposito que logo se verá, e reproduziu-os, no corrente anno, em livro, o professor de medicina, Ricardo d'Almeida Jorge. O livro intitula-se *Hygiene social applicada á nação portugueza*.

Ninguem farisque nestes artigos a critica scientifica das theorias competentemente discursadas pelo professor. Quem de mim formasse, a serio, esse juizo, não deveria esperar que eu lhe admirasse a esperteza; e, se o seu intuito, suppondo-me gratuitamente arbitro nesta causa, fosse capitular-me delicadamente de *tôlo*, não o poderia fazer de maneira mais expressa e com uma ironia mais perturbadora da minha fleuma encaliecida. Mas, afinal, havia de ser custoso deslindar qual dos dois fôsse o mais cretino: eu a dar o quilate scientifico do livro, ou o saloio velhaco a fazer-me troça do desvanecimento pedante.

Por tanto, perante as pessoas de juizo desde já e em minha defeza declaro que não discuto nem se quer contraste se são todos oiro de lei os fuis da corrente em que Ricardo Jorge encadeia a sua implacavel controversia. O mais que farei é trasladar, ou pouco mais, porção d'esses elos que me prenderam a mim pelo prazer e pela admiração — duas galvanisaçoens raras nos meus nervos marasmados. Esses relanços do livro transcripto ou são exemplares de vernaculidade, ou de causticidade tartarisada-

mente litteraria, o que é muito melhor. Se são tambem modêlos de justiça ou de iniquidade o leitor sabio e pio decidirá. O *pio* aqui, e a taes horas, talvez seja de mais — uma superfluidade seiscentista. Os leitores pios ordinariamente não bordejam por estes pantanos de *chronicas* profanas em que se fabricam ideias com chimica, e em que a psyche, quanto a importancia biologica, não a tem mais relevante que Pilatos no *Credo*.

A minha subjectividade n'este escripto é toda e simplesmente edictorial — o lavor subalterno, mas aprasivel, de quem organisa *selectas*.

No que eu talvez me illuda é em presumir que a minha admiração deve ser epidemica.

Contar eu com applausos gratos de leitores a milhares por eu lhes indicar do modo mais persuasivo — com extractes — um livro bom; e, elles, afinal, com uma contemplação taciturna e a bocca cheia de ideias innatas mas aphonicas, dando a perceber que não se acham fortemente esclarecidos ou fetidos para que se julguem carecidos de hygiene — se ainda esta decepção vem para mim no couce processional das outras — que todas vieram *no* ou *pelo* couce

— então não me pouparei ás supremas violências do estylo contra o governo, até que elle imponha a todos os auditorios e leitores de Ricardo Jorge a instrucção obrigatoria, imposta á vontade rebelde como o arrancar de um olho para salvar o outro.

*

No prologo da *Hygiene social* diz o illustre professor que fôra benevola e até entusiasticamente acolhido nas suas tentativas de conferencia publica. E acrescenta: «Que estas palavras, impensadas talvez, filhas de um arrebatamento tão natural e legitimo, não vão fazer desabrochar a idéa má de que o conferente applaudido no posto de combate se julgou guindado a falsos altares, e deixou expandir tolamente um orgulho condemnavel e uma vaidade stulta. Para longe essa lembrança deprimente: *o que ha a colher d'essa communhão é alguma coisa de mais alto e de mais nobre do que a estreita nota pessoal*» (Pag. VI).

Para quem assim escreve é necessario ser-se parcimoniosa e melindrosamente cauto no enxardrezar locuçoens fervidas sete veses como o chá

de Nicoláo Tolentino. A critica auctorisada —a da faculdade medica poderia ter immudecido, sem offender os bons costumes portuguezes nem empecer ao progresso das luzes; mas não; os medicos fallaram n'uns periodicos que o publico não consulta. A imprensa correntia e encyclopedica tambem elogiou o livro com uma segura consciencia de que não mentia nem provocava contestações. Agora vou eu, na cauda dos empyricos; mas não pretendo — repito — ensinar a ninguem como as grandes idéas brilhantemente formuladas se admiram. O que eu pretendo é desviar a minha personalidade dos olhos do leitor para o deixar vêr pela sua penetração. E d'est'arte terei comprehendido e farei comprehendere o que realça por honesta hombridade n'estas expressoens de Ricardo Jorge: *o que ha a colher d'essa communhão é alguma coisa de mais alto e de mais nobre do que a nota pessoal.*

O INFANTILISMO DOS POETAS



REPORTO-ME a Castilho e aos poetas da sua mocidade. Esses é que eram creanças na adolescencia e creanças envelheceram. Por um estranho esforço de ficticio idealismo, exorbitavam da zona commum por esse azul dos sagrados problemas, desviavam-se das veredas trilhadas; e, tirante a vida de relação, e os episodios feminis em que havia poeta que valia por trez homens de espalmada proza, de resto, o bardo

com as suas puerilidades serodias, e defendido pelas nove filhas de Jupiter e Mnemosyne considerava-se superior á plana onde se succedem dynastias implacaveis de ridiculo, desde Aristophanes até Voltaire.

Quanto ao poeta moderno, esse não. A trova pode expirar-lhe jovial, arpejada no mandolim trovadoresco ou na guitarra fadista; mas o semblante ressumbra-lhe sempre a tristura das ideas incomprehendidas. Deixal-o dizer que é sensualista como Musset, sarcastico como Baudelaire e atheu como Richepin. Nos escaninhos tenebrosos d'essa alma, remorde uma preocupação que o não incita a desfibrar corações de mulheres como Rolla, nem estrangular preconceitos, nem pulverisar as religioens como aquelles dois demolidores, corifeus do satanismo. O poeta portuguez da ultima colheita, por via de regra, é bacharel-formado; não pende a fronte febril de reformas sobre o ergastulo do Portugal hemiplegico, nem se inquieta com o mysterio d'alem-tumulo — essa eterna provocação aos pessimistas que não creem em Deus; queixam-se, porém, amargamente porque Deus não se lhes manifesta.

O nosso poeta não quer saber d'isso. No que

elle pensa, sem reduzir o pensamento a alexandrinos, é em ser despachado delegado do procurador regio; e, emquanto o oiro do seu sonho não se amoeda em emolumentos, o aspecto do poeta denuncia tempestades interiores e projectadas vinganças de Aristogiton e Spartacus.

*

Eram de outra natureza arcadiana os vates ha cincoenta annos.

Releiam a *Primavera* de Castilho, um livro mais difficil hoje de perceber que o *Mid summer night's dream* de Shakespeare, e o *Segundo Fausto* de Goethe. Mas não leiam os poemas, se preferem os estimulantes aos anodynos. Limitem-se regaladamente a saborear a prosa ante-posta á *Festa de Maio*, na edição de 1837. Ahi vão ver o que é alegria juvenil, que bucolica, que lyrica, que pantheismo! Uns jubilos doídos que tornam aquelles academicos, já homens feitos, um magote de rapasolas a passearem nos barrocaes das suas aldeias um *Maio* vestido de giestas floridas. A scena deve ser contada pelo encantador Castilho.

Depois de aportarem os poetas á *Lapa dos Esteios*, escreve o pontifice da proza :

No alto assentamos o altar do Deozinho Maio ; todo elle era verdura ; duas columnas, artificialmente fabricadas de flores, e rematadas com umas maçanetas de egual marmore, se alevantavam dos dois cantos da frente, e communicando-se no cimo por um semicirculo, que na materia e no primor não desdizia do resto, ajudavam a formar uma especie de portico bem formoso e engraçado ; os lados, fundo e abobada do recinto eram de ramos verdes de todas as qualidades, bem entrelaçados e bordados de frescas e vermelhas rosas ; no meio estava um assento pequeno, á feição de poial rustico, tecido de lustrosas heras, onde se via recostado o Maio em acto mui gentil e com um geito todo seu. Era um menino de cinco annos, louro como o sol, e alvo como a neve, cabellos crespos e annelados, caidos por um e outro hombro : de roupagem não tinha outra de seu, que um aventalinho que debaixo dos peitos lhe descia aos joelhos ; o qual, assim como os listoens que de cima dos hombros lh'o vinham tomar encruzando-se por deante e pelas costas estava recamado de cedro e buxo, com sua orla mui accessa de flores de romeira, cravos e rosas : calçava cothurnos de seda escarlata ; na ca-

beça ostentava coroa de verdura, e do braço esquerdo como que accnava ás vontades com um cabazinho farto dos fructos do seu tempo: e tudo por modo tal que a bôca se não sabia determinar se o diria nu ou vestido, nem a fantasia dos poetas se o cria simples Menino ou verdadeira Divindade.

Isto parece uma linda pêta imitada de qualquer pastoril de Gessner ou Florian, não é verdade? Qual seria o poeta nosso contemporaneo, nascido nos ultimos trinta annos, que sahisse de Coimbra, Mondêgo assima, com um menino vestido d'aquelle feitio, para o sentar, *em acto mui gentil*, em um nicho de verdura, e pespegar-lhe estiradissimos poemetos ou poemaços como o de Castilho que somma 1863 versos hendecassy-labos! E — o que mais é — seguiram-se a Castilho os outros vates: *fomo-nos uns a outros seguindo com os poemas que levavamos, os quaes em forma de rito religioso, se recitavam em pé deante do altar, fazendo a nossa orchestra uma harmoniosa raia de poema a poema, que para tudo as tardes de Maio deixam tempo.*

Pobre menino! Tantos Herodes para uma só creança!

E estas ridicularias faziam-se, solemnisa-

vam-se em letra redonda ; e ninguem troçava as pieguices menineiras de uns barbados que em forma de rito religioso e de pé deante do altar do Menino Maio declamavam emphaticamente versos a milhares, com estribilhos de charanga ! E, se elles, os academicos, se lembrassem de vestir-se ou despir-se de satyros e faunos, com as suas espaldas nuas engrinaldadas, e as pernas pilosas com um pé no ar na attitude de se embrenharem arreitados nos bosques em cata das dryadas ariscas ? Ah ! elles seriam incapazes de semelhante impudicia pagan. Ser-lhes-ia mais agradavel e consentaneo com a sua candura jogarem o peão e a cabra cega.

Muito tolo devia ser um paiz em que estas rapasices se admiravam como esthesia de um ideal poetico !

*

Vinte e dous annos depois (1844), ainda seis poetas, redactores do *Trovador*, festejaram o S. João Baptista na *Quinta das Varandas*, e d'alli poseram a prôa á *Quinta das Canas* para commemorar reverentemente Castilho. Ao des-
embarcarmos, escreve o inolvidavel João de Le-

mos, luziu nas almas de todos um sentimento e, de cabeças descobertas, voou dos labios de todos um nome: — o sentimento era a admiração, o nome era Castilho.

Na festa da nova geração de poetas, além dos poemas recitados entre a ultima e penultima coberta do jantar, nada houve que espertasse reminiscencias da festa do Maio de 1822. Elles podiam catholicamente enthronisar entre verduras um S. Joãozinho com o cordeiro, e haurir d'esse delicioso mytho copiosissima poesia. Maviosamente diz João de Lemos nos seus SEROENS D'ALDEIA:

Fôra escolhido o dia de S. João, como o sancto que é mais garrido, mais loução e mais poetico do calendario; fôra escolhido porque a vespera nos devia apparellhar os animos com muita poesia soletrada nas alcachofras, no crepitar das fogueiras, nas danças, nos descantes, nas bombas, nos foguetes, e em todo o folgar d'aquella crença do coração que até mouros na Mourama não desdenham.

N'este trêcho ainda resumbra alguma coisa da ambrosia que as muzas dos antigos poetas libavam: são as alcachofras como fontes de muita poesia para apparellhar animos. O poeta de hoje

apenas se serve de alcachofras cosidas com molho de manteiga.

Outro relanço que parece retalho da mythologia de 1822: *Durante esta viagem o sr. José Freire de Serpa leu algumas poesias de muita belleza, e tanta que os ramos dos salgueiros attrahidos pelo condão dos versos vinham-se debruçar curiosos nas janellas da nossa camara movediça.*

Ninguem que lêsse os poemas do finado visconde de Gouvea duvida que as suas poesias fossem extremamente bellas; mas aquillo dos ramos dos salgueiros a debruçarem-se nas janellas do barco para ouvirem versos primorosos, póde ser uma imagem que se esfuma na noite dos seculos, mas nem por isso tem graça ou propriedade que a faça renascer. Eu, como poeta declamatorio, em correntes fluviaes, se visse os galhos das arvores a chegarem-se para mim, cuidaria que me queriam bater, e mandaria *remar p'ro pégo* immediatamente.

Querem agora assinalar as differenças progressivas que correm entre o poeta de 1822, e o de 1844, e o actual, o novissimo? Vou dar-lh as n'uma passagem significativa. O meu amigo Alberto Braga, parnasiano elegante e bom prosador

colorista, estando a estudar ou a não estudar em Coimbra, resolveu com outros academicos velejar em um barco, Mondego abaixo. Era tambem em maio. Querem vêr o *Maio*, o loiro menino, que elles tratavam de arranjar para o seu passeio transcendentemente lyrico? Alberto Braga lh'o contou um d'estes dias, nas NOVIDADES:

« — Que se hade fazer hoje, Alberto? — perguntou um d'elles.

« — Vamos para o rio — respondi logo.

« — Apoiado! — gritaram elles — salta tudo para o rio!

« — Alto! — disse eu — quantos somos nós?

« Contaram-se (prosegue o narrador). Eramos « quatro; e, como fossemos quatro, era preciso — « já se vê! — ir desencantar quatro raparigas bonitas, que quizessem ir comnosco ». Até aqui o poeta.

Como não arranjassem quatro raparigas, levaram só uma. E depois segue-se uma historia melancolica em que resalta uma moralidade que os antigos poetas não sabiam tirar dos seus estereis e laudanizados poemas.

Ahi está a differença. Castilho e os seus con-

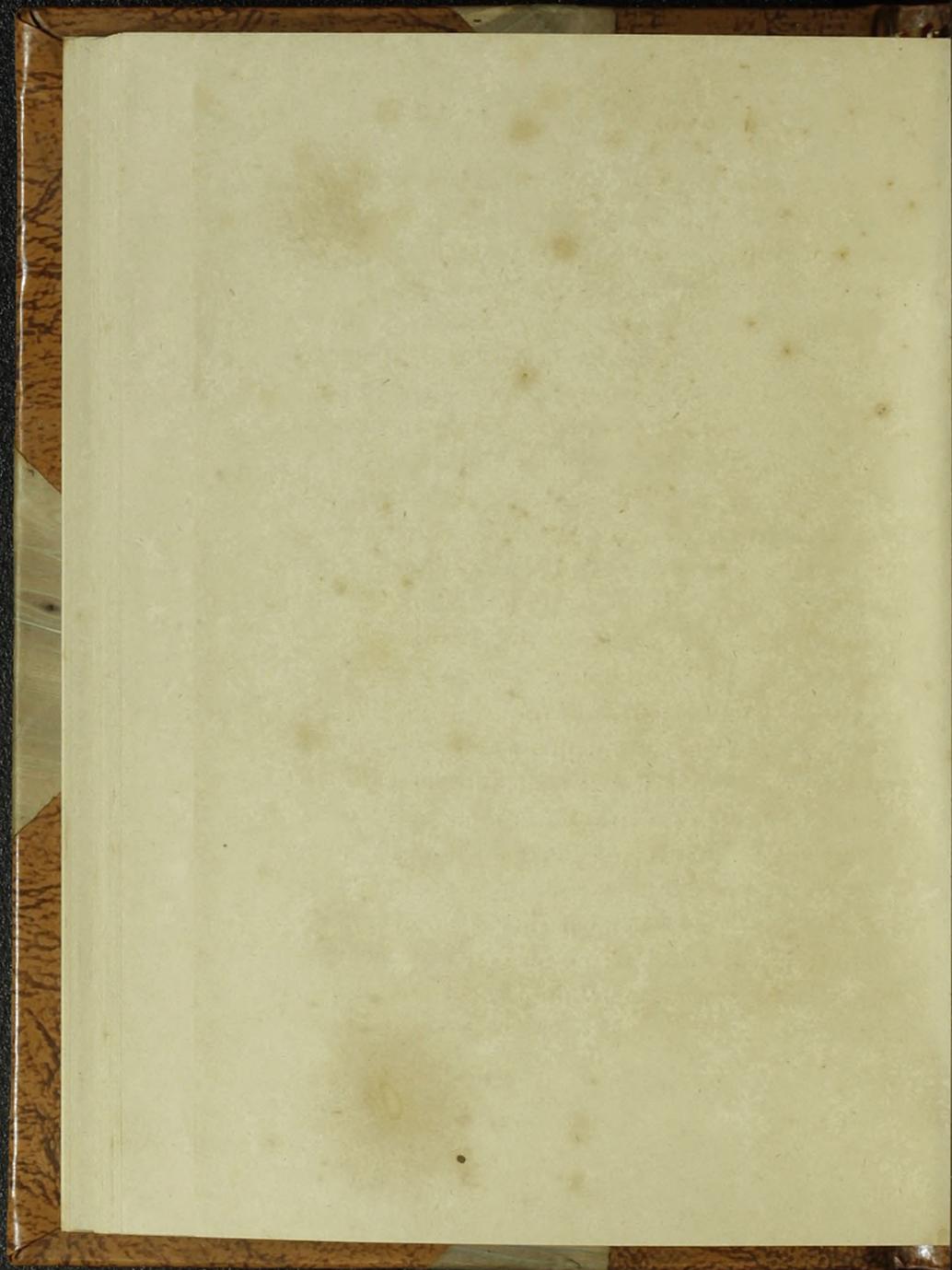
tubernaes em casa de Apollo, se passeavam no Mondego, levavam, como heroe da festa, um menino de cinco annos vestido de verduras e flores. João de Lemos, e os seus romanticos collegas do TROVADOR, tinham na mente as idealidades christans do precursor e primo do Messias. Alberto Braga e os seus tres amigos, não podendo engajar quatro raparigas bonitas como commensaes da sua poesia a bôrdo, levaram parcamente uma como amostra dos ideaes que lhes explosiam das quatro almas. No anno proximo futuro, quando alguns academicos, lyricos e namorados, se reunirem em maio — mez fatidico — para derivarem na faixa de prata do Mondego murmuoso, onde gemeu a linda Ignez, se elles forem quatro, hão de levar comsigo oito raparigas e mais uma de reserva para prefazer as nove musas, bonitas, georgianas, escolhidas a dêdo pelo travesso Cupido na *Praça da Herva*. Quanto a poesia, hão de levar tambem alguns poemas ossianicos, corporalizados solidamente na cabeça... d'Achard, frementes de inspiração a espumar das garrafas de Clicot *frappé*.

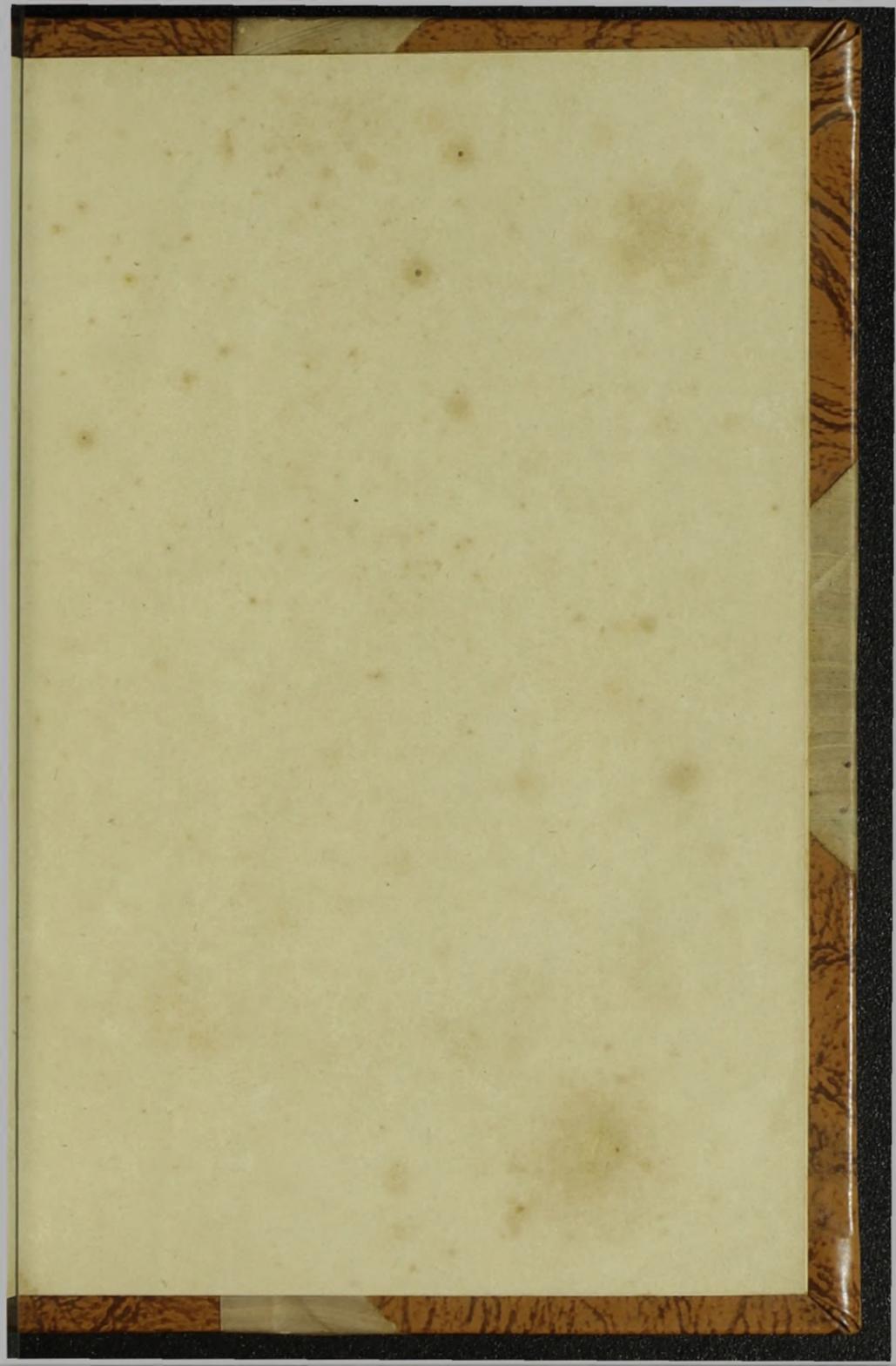
Dos trez grupos de poetas, o mais espontaneo e sincero, a meu vêr, foi o de Alberto Braga.

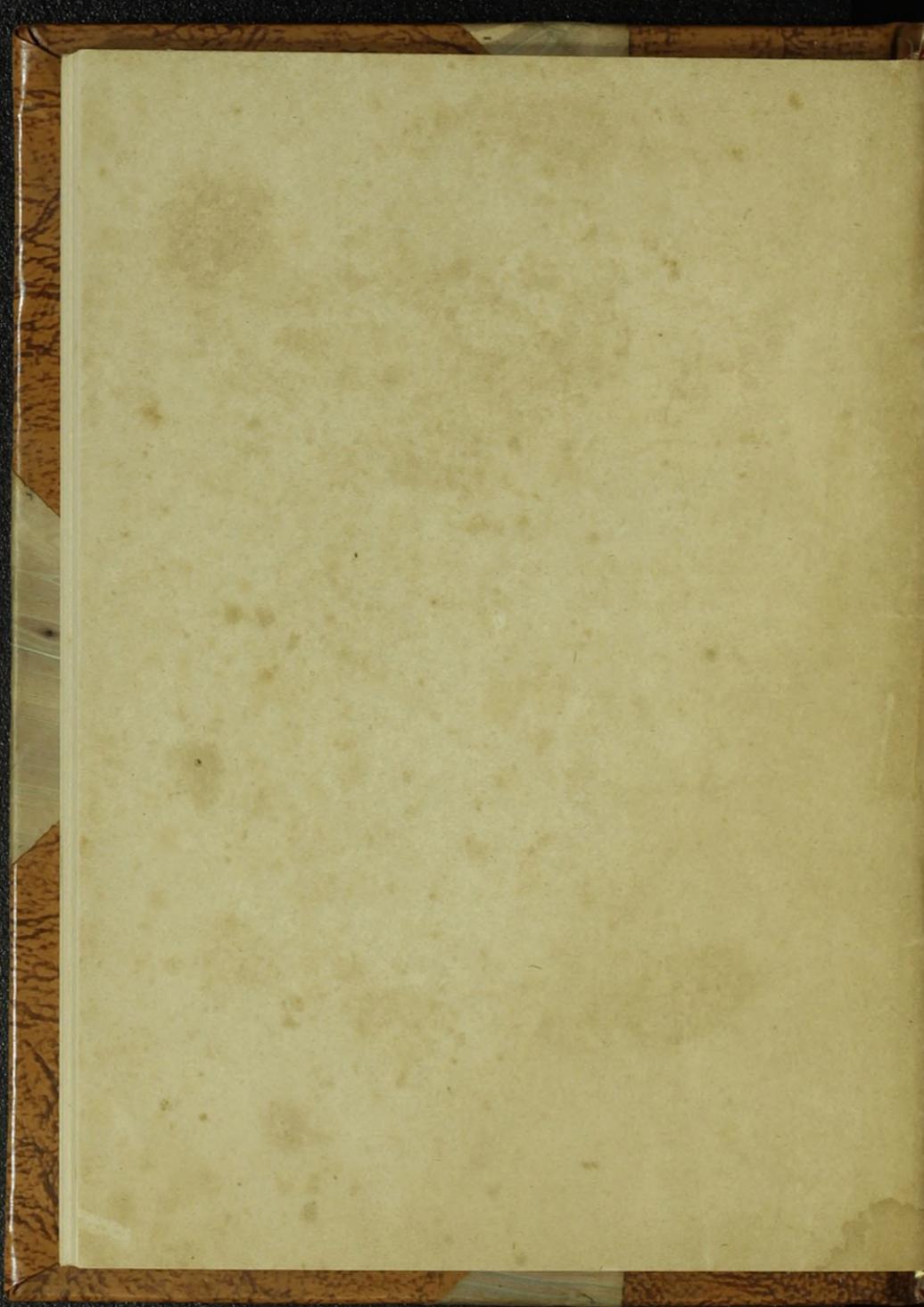
Castilho e João de Lemos representam dois brilhantes artistas que se desviaram da corrente do seculo por um convencionalismo que lhes tolheu boa porção da glória a que tinham direito.

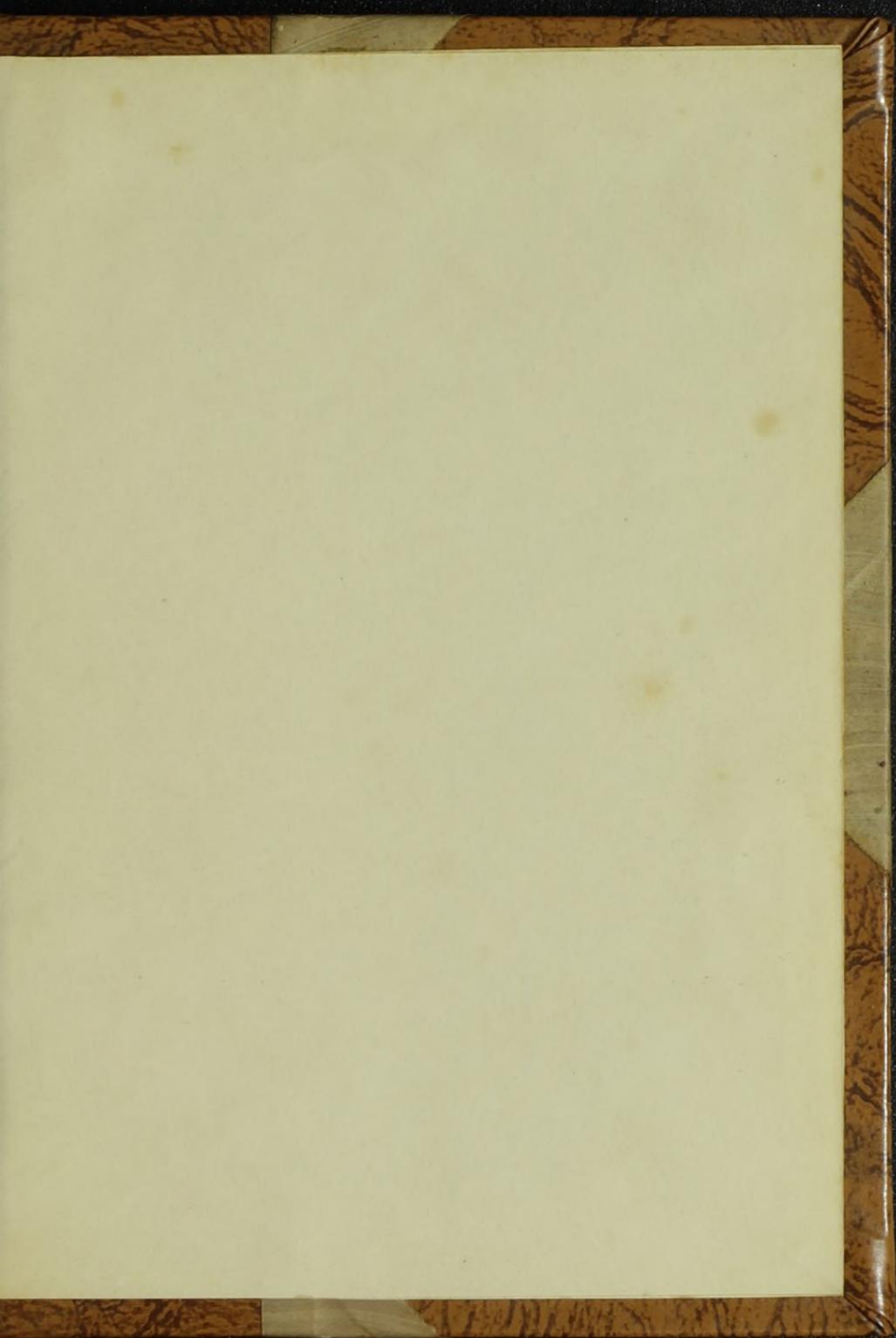
Castilho victimou-se deleitosamente ás letras cezareas. Vira Roma desde creança pelos olhos da alma. Se, algum tempo, excursionou pelas regioens romanescas do *bardo* e do *castello feudal*, regressou constricto á sua Roma, deplorando as horas desbaratadas em lisongear paladares prevertidos. O certo é que viveu e morreu em Tibur, sob a olaia, enthesourando joias luzitanas em vasos de ouro ciselados por modelos latinos. Deixou arcas de riquezas philologicas; mas ha pouco quem não renuncie a herança a beneficio de inventario.

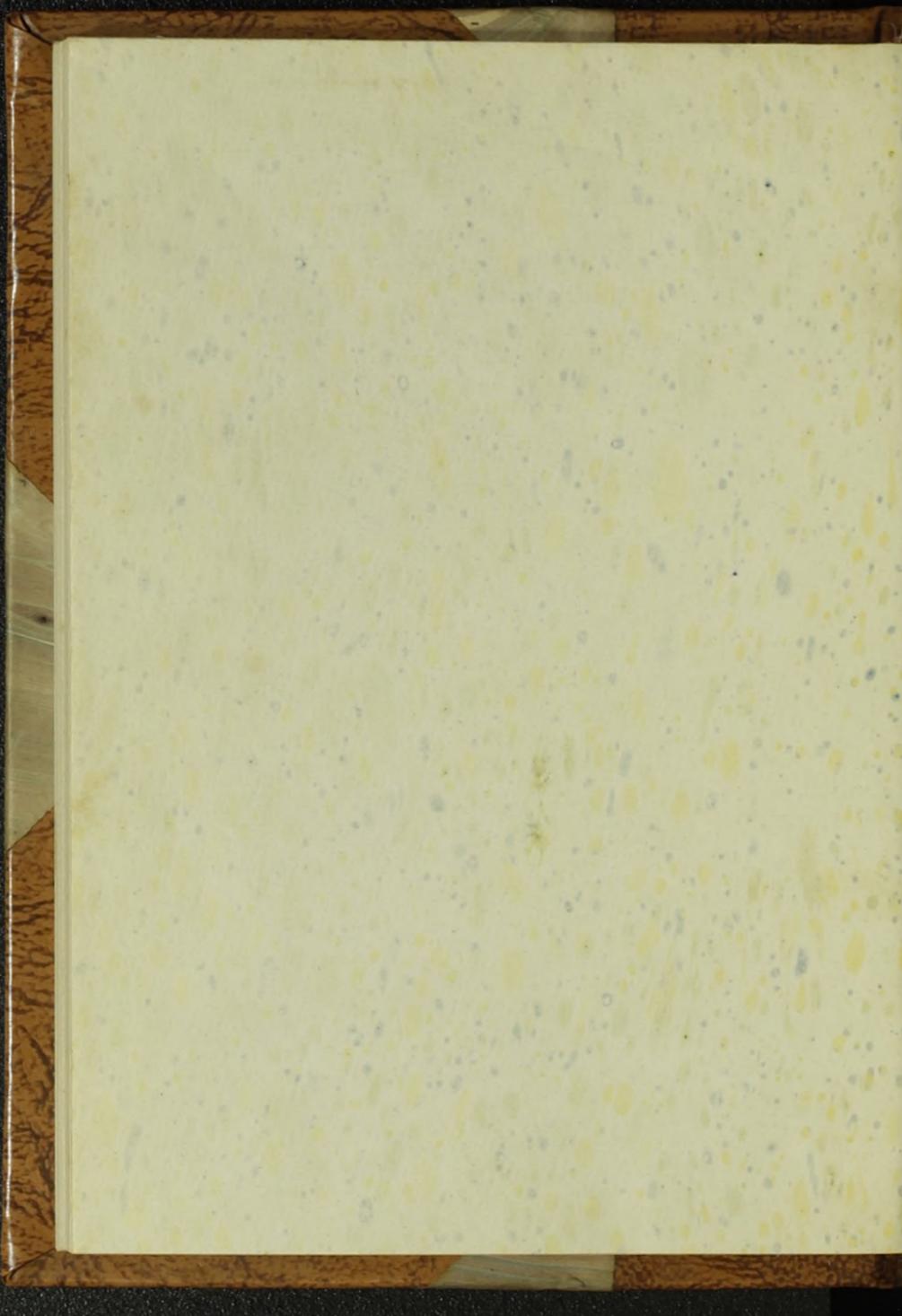
João de Lemos vestiu lucto eterno por uma familia resvalada de um throno problematico, e regeitou o convite da grande familia portugueza que o applaudiu nas suas estrondosas ovaçoens, as maiores que se fizeram a poeta nacional. E' triste que debaixo dos escombros do throno desabado do snr. D. Miguel ficasse a corôa principêsca, e inquestionavelmente legitima, de João de Lemos!











090
C 345A

